

Crónicas de Pimenta Doce (343)

Encerrou, no último fim de semana, a XXVIII Feira do Livro - XII da Lusofonia de Viana do Castelo que continua a afirmar-se como uma grande festa de promoção do livro e da leitura e uma janela aberta para os horizontes mais alargados dos países lusófonos, cujos escritores (alguns de renome) honraram as Tertúlias da Biblioteca Municipal com a sua presença e saber.

Número recorde de editores e livreiros atraíram ao Jardim da Marginal numeroso público que visitou as suas lojas de venda e comprou os títulos das suas preferências. Grupos musicais brasileiros, moçambicanos, caboverdianos e portugueses, entre os quais muitos grupos vianenses de diversos géneros, inclusive a Música Minhota de Né Bastos, proporcionaram animação musical para todos os gostos. Além disso, os mais pequenos tiveram na sua Biblioteca de Jardim, na Tenda da Pequeneda, animadas sessões de iniciação à leitura com dramatização de contos,

teatro, declamações, pintura e outra animação. Lançaram-se durante a Feira cerca de uma dezena de novos livros, alguns de expressão nacional e outros de autores vianenses. Exposições de várias artes complementaram o enquadramento artístico da Feira, especialmente a dedicada ao grande pintor Júlio Resende.

Na sessão de encerramento do certame, não faltou quem afirmasse que, por todas as suas muitas qualidades e rigor de organização, a Feira do Livro de Viana do Castelo se situava entre as mais conseguidas do País.

A realização deste evento cultural de grande vulto e significado, daria oportunidade para múltiplas observações todas elas pertinentes.

Como é habitual e apesar da importância acima relevada, voltaram os ilustres visitantes a estranhar que este acontecimento tivesse merecido tão pouca atenção dos grandes meios nacionais de comunicação, especialmente da televi-

A FEIRA, O LIVRO E A LEITURA



são.

Se fosse em Lisboa e Porto... as suas feiras teriam uma reportagem diária em directo com a duração de cerca de cinco minutos. Nós não pedíamos tanto, mas acho que tínhamos direito a um minutinho por dia. Mas é o costume... Portugal continua a ser Lisboa e o resto paisagem, a não ser que nesta nossa paisagem aconteçam homicídios estardecedores, acidentes calamito-

sos, suspeitas de pedofilia que, então, sim, temos tempo de antena de sobra ou manchete nas primeiras páginas.

Outra reflexão sugerida por este acontecimento é o da importância do livro e da leitura na formação, educação e aculturação da juventude e da população em geral. É notório que, apesar de todas as campanhas, se vão perdendo hábitos de leitura e que a compra de livros não tem peso proporcional

e adequado à sua importância nos orçamentos individuais e familiares.

É verdade que os livros são caros, mas comparativamente, e tendo em conta o valor da moeda, são mais baratos do que há cinquenta anos.

O problema não é só esse. É que além de outras múltiplas distrações e actividades de lazer, os novos meios audiovisuais de comunicação e recreação e, até, a proliferação de revistas e revistecas de conteúdos fúteis e com picantes segredos de alcova, escritas em Português pouco normativo, roubam espaço e tempo para boas e instrutivas leituras.

Essa é uma das causas do analfabetismo funcional que grassa no nosso País e da cada vez mais acentuada deterioração do uso da nossa língua por parte de pessoas de bom nível académico e com obrigação de falar e escrever melhor.

Apesar de tudo, o livro é, ainda hoje, o principal e mais sólido factor de aculturação e

de formação de mentalidades. Ao longo dos tempos, odiado, proibido, perseguido e queimado em praça pública por regimes ditatoriais, opressores e redutores, ninguém conseguiu, no entanto, calar-lhe a voz, porque continua a ser um bom amigo do homem, uma inesgotável fonte de conhecimentos, um prazeroso meio de ocupar os ócios, um indispensável companheiro na caminhada da ascensão cultural de cada indivíduo. Além disso, sem leitura assídua dos mestres da língua, não pode haver boa competência linguística.

É por isso que esta Feira do Livro de Viana do Castelo e outras do género, são iniciativas de louvar, de acarinhhar, de mediatizar, em desfavor das ementas negativas, pessimistas e de cores acentuadamente sombrias, normalmente privilegiadas nos boletins noticiosos dos nossos principais meios de comunicação.

E. R.